



Um pé a céu aberto no Museu de Paisagem de Rosa Kliass: Visita didática a projetos paisagísticos em Belém

ST3 - PATRIMÔNIO PAISAGÍSTICO: TEORIA, HISTÓRIA E PRÁTICAS DE INTERVENÇÃO NA
PAISAGEM E NOS ESPAÇOS PÚBLICOS

SANT'ANNA, Camila Gomes

Ma. em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Goiás, cgomessantanna@gmail.com

GURGEL, Ana Paula Campos

Drª. em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, prof.anapaulagurgel@gmail.com

PEDREIRA, Ana Luísa Pires

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, arqanapedreira@gmail.com

MARQUES, Júlia dos Anjos

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, judanjios.arq@gmail.com

MACHADO, Nayane Batista

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, nnayane@gmail.com

RESUMO

A cidade de Belém possui uma considerável concentração de obras públicas construídas durante o século XX e início do século XXI de uma das maiores paisagistas brasileiras, Rosa Grena Kliass. Este museu de paisagem a céu aberto ressignificou o patrimônio arquitetônico e urbano-paisagístico da cidade, propondo um desenho engajado com suas raízes amazônicas. O intuito deste artigo é compartilhar impressões sobre um roteiro de visitas aos projetos paisagísticos belenenses de Kliass, intitulado "Rosa Kliass em Belém". Essa atividade foi promovida por um grupo de alunos e professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU-UnB), no âmbito do Projeto Pé na Estrada. Para tanto, propõe-se uma revisão bibliográfica sobre a atuação profissional de Rosa Kliass na cidade. Em seguida, procura-se analisar essas visitas como ponte entre a vivência urbana e o conteúdo teórico-prático debatido em sala de aula sobre a obra de Kliass e Belém, e instigar os alunos sobre a importância de se valorizar este patrimônio paisagístico amazônico. Como resultado, observou-se a relevância de se estimular a visita aos projetos paisagísticos como forma de consolidar o conhecimento e de fomentar a compreensão da importância desses espaços na dinâmica urbana da paisagem das cidades.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem; Rosa Kliass; Belém; Pé na Estrada; Estudantes.

1 INTRODUÇÃO

O Projeto Pé na Estrada é uma Atividade Complementar da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UnB). É uma proposta de alunos para alunos, com o intuito de aprofundar não só o conteúdo programático debatido em sala de aula, como também estimular vivências urbanas diferentes no Distrito Federal e fora dele. Nesse sentido, as atividades do projeto proporcionam ao futuro arquiteto, urbanista e paisagista uma experiência prática em seu principal objeto de estudo - a cidade -, despertando seu senso crítico acerca da produção arquitetônica e urbano-paisagística e das ações para preservação da memória dos territórios brasileiros. Dentro dessa perspectiva, as diferentes cidades estudadas são exploradas a partir de diversas escalas e pontos de vistas, nestes quatro anos de atividades

continuadas.

O Pé na Estrada vem se consolidando como uma atividade que colabora para a tríade das funções básicas indissociáveis da Universidade: ensino, pesquisa e extensão. Contribui para as atividades de ensino na medida em que complementa o arcabouço teórico-prático discutido em sala de aula. Também estreita o diálogo entre alunos e professores, descobrindo e desenvolvendo novas ferramentas metodológicas inovadoras que, por meio de exercícios individuais (cadernos de croquis e trabalhos) ou em grupo (dinâmicas e exposições), exploram o uso do desenho, da fotografia, colagens e vídeos, no processo de aprendizagem.

O aluno assume uma postura proativa na construção e produção de conhecimento, enriquecendo as ações de pesquisa científica. Todo conteúdo produzido no decorrer da viagem é difundido em artigos, palestras, manuais, projetos educativos em escolas, além de, principalmente, exposições anuais que relatam a dinâmica das viagens e apresentam os trabalhos desenvolvidos pelos alunos. Assim, o projeto possui também um teor extensionista, uma vez que produz um processo educativo e cultural, o qual aproxima a Universidade, de modo geral, composta de alunos e professores, da sociedade.

Uma das principais propostas do Projeto são as viagens didáticas que objetivam conhecer melhor os estados brasileiros, com a intenção também de alçar voo em direção à América Latina. Já ocorreram viagens do Pé na Estrada a Curitiba (2014); Ouro Preto, Mariana, Brumadinho e Belo Horizonte (2015); Rio de Janeiro (2015); Salvador (2016); Belém (2017); e está prevista uma visita a São Paulo no segundo semestre de 2018. De modo geral, estas edições ocorrem anualmente e preveem a participação de 40 a 50 alunos com o acompanhamento de três a quatro professores e colaboradores convidados, com o auxílio de custo da Universidade de Brasília.

A proposta de viagem didática é repartida em 3 etapas, são elas: (1) etapa de “Preparação para a Viagem”; (2) a “Viagem” em si; e, (3) por último, a “Exposição”. A preparação da viagem conta com um conjunto de aulas expositivas acerca da cidade, dentro da competência de cada professor colaborador. As aulas propostas pelo Projeto são abertas a toda a Faculdade e se estendem por uma semana. Durante a viagem, temos o desenvolvimento de um roteiro estudado em conjunto com os professores, no qual estão previstos os Momentos Pé na Estrada – estímulos para abordagens diversas de leitura da paisagem no formato de exercícios (ex.: “descreva com desenhos geométricos a paisagem do Parque Mangal das Garças”). O intuito é que o aluno registre esses exercícios em seu Caderno de Viagem, oferecido pelo Projeto, e, posteriormente, esse material seja organizado e exposto na Universidade ao público.

Figura 01: Material produzido pela Equipe Pé na Estrada para os participantes da viagem



Fonte: Foto de Júlia dos Anjos, 2018. (Gentilmente cedido)



Depois de um debate aberto, a quinta edição do Projeto escolheu como destino a cidade histórica e portuária de Belém, no Estado do Pará, que difere das características do desenho relativamente recente e moderno do plano piloto de Brasília e suas quatro escalas: monumental, residencial, gregária, bucólica (IPHAN, 2007). Diferente da Orla do Lago Paranoá e das manchas vegetativas com espécies nativas do Cerrado, o território belenense caracteriza-se por uma relação de interdependência social, econômica e cultural entre as ilhas (com suas florestas e população ribeirinha), os corpos d'água (a baía de Guarajá, o rio Guamá e os igarapés) e a cidade. No transcurso de sua história, as ilhas e os corpos d'água, que inicialmente foram marginalizados, servindo apenas de pano de fundo das paisagens urbanas, passam a exercer forte influência na dinâmica urbano-ambiental da cidade. Além disso, influenciam também outros seis municípios que integram a região metropolitana de Belém (RMB) – a Grande Belém –, a segunda região metropolitana mais populosa do Norte do Brasil, com cerca de 2.422.481 habitantes, de acordo com o IBGE (2016).

Convida-se, dessa forma, o aluno a conhecer a natureza desse lugar, principalmente seu mosaico de paisagens caracterizado por distintos ecossistemas: florestas densas de terra firme, florestas estacionais, florestas de igapó, campos alagados, dentre outros. Experimenta-se essa natureza não só a partir de seus atributos visuais, mas olfativos, auditivos, táteis e gustativos. Em seguida, debate-se sobre as relações entre homem e natureza na construção do seu território, principalmente no processo de evolução urbana, que se deu através da exploração das suas riquezas naturais, da ocupação e remodelação de sua natureza, principalmente de seus igarapés- e com a intensificação do processo de favelização e degradação ambiental - enfatizando os impactos das práticas extrativistas em seu território.

As diferentes paisagens urbanas de Belém se formam incorporando ou suprimindo e ressignificando as múltiplas produções arquitetônicas e urbano-paisagísticas que marcaram a sua história. Surgem como grandes marcos urbanos na Paisagem as fachadas dos casarões, fortes e mercados públicos do período colonial, as quais tiveram origem a partir da Baía de Guarajá. “Paris n'América”, como era conhecido o período da Belle Époque belenense, está presente nas remanescentes arquiteturas de ferro, símbolo do advento da industrialização (BASSALO, 2008). Também se observa nas intervenções urbano-sanitaristas nos moldes europeus, que pormenorizaram a paisagem natural, introduzindo uma série de espaços públicos, praças e parques, de grande representatividade até os dias de hoje na malha urbana da cidade.

Ao seu conjunto de espaços públicos belenenses, no período moderno, incorporaram-se propostas paisagísticas que introduzem grandes planos de desenho de piso com maciços vegetativos, mas sem ainda conseguir expressar de forma plena os valores culturais amazônicos (MACEDO, 1999). A introdução de espaços abertos que ressaltam a paisagem amazonense, juntamente com a criação de parques ecológicos com fins conservacionistas ocorre no período pós-moderno, principalmente, segundo Mergulhão (2009, p.19):

[...] na transição do século XX para o século XXI, percebe-se que um novo momento paisagístico se fazia presente em Belém, e que se processava diferentemente da usual adoção de modelos europeus importados dos séculos XIX e XX, e dos poucos exemplares modernistas. Novos modelos paisagísticos, baseados na exaltação da paisagem regional, começam a ser adotados e a prevalecer como critério de projeto paisagístico (MERGULHÃO 2009, p.19).

Uma das grandes colaboradoras para essa construção de uma arquitetura da paisagem na cidade de Belém engajada nas raízes amazônicas foi Rosa Grena Kliass. A arquiteta foi convidada pelo governo do Estado em 1998 para promover intervenções urbano-paisagísticas com o intuito não só de atrair o turismo nacional e internacional em operações de marketing urbano, como também reforçar o sistema de espaços livres de Belém, fortalecendo seu valor estético, social, ambiental, de infraestrutura. Mesmo que não tenha sido um aspecto contemplado inicialmente na escolha de Kliass como autora dos projetos, a maior parte das propostas de espaços livres públicos e privados construídas durante sua carreira localiza-se em Belém, dentre eles: Estação das Docas (1996-2000); Complexo Feliz Lusitânia (1996-2000); Parque da Residência (1998); Aeroporto de Val-de-Cães (1998); Mangal das Garças (1999); e Polo Joalheiro São José Liberto (2000).

Figura 02: Mapa com a localização dos projetos por ordem cronológica



Fonte: Mapa google maps, com alterações dos autores, 2018.

O conjunto dessas intervenções configura-se como um museu a céu aberto das obras da autora e da sua leitura das múltiplas paisagens belenenses. Este potencial é pouco explorado não só em termos turísticos (não existe nenhuma proposta de roteiro de visita das obras da paisagista na cidade), como também em ações de valorização patrimonial paisagística. O roteiro da viagem didática à cidade de Belém propôs aos alunos vivenciar estes projetos de modo a compreender a sua inserção na malha urbana da cidade e sua relação com os demais espaços livres existentes de períodos diversos.

O objetivo deste artigo é compartilhar impressões sobre as visitas realizadas ao circuito de projetos assinados pela paisagista Rosa Kliass em Belém. Para tanto, propõe-se uma revisão bibliográfica sobre a atuação da profissional na cidade. Em seguida, procura-se analisar essas visitas como uma ponte entre a própria vivência urbana dos projetos e o conteúdo teórico-prático adquirido em sala de aula sobre a obra de Kliass e a Cidade de Belém. Assim, instiga-se no aluno a importância de se preservar esse patrimônio paisagístico brasileiro e sua contribuição para a Arquitetura da Paisagem Amazonense de Belém do Pará.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

2.1 Pé na Estrada Belém do Pará - "Rosa Kliass em Belém"

Há mais de meio século, Rosa Grena Kliass vem mudando a paisagem das nossas cidades com qualidade e diversidade. Ela participou de diversos projetos de arquitetura de paisagem, sempre engajada na construção do espaço público pelo Brasil. A primeira aproximação dos alunos que participam do Projeto Pé na Estrada com suas obras ocorreu nas disciplinas de Projeto Paisagístico, que integram o Programa Político Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília (FAU-UnB).

Em 2016, houve uma segunda aproximação quando o Projeto Pé na Estrada, juntamente com outros parceiros, propôs a aula magna "Rosa Kliass no Cerrado". Essa palestra versava sobre sua trajetória de arquitetura paisagística, apresentando seus principais planos e projetos, suas escalas e abordagens. Uma outra oportunidade de compreender a contribuição da paisagista ao desenho da paisagem brasileira se deu em terras baianas durante uma viagem didática do Projeto Pé na Estrada à Salvador, no segundo semestre de 2016, na qual o projeto do Parque de Esculturas (1996) foi visitado.

Figura 03: Aula Magna "Rosa Kliass no Cerrado"



Fonte: Foto de Dante Akira Uway, 2016. (Gentilmente cedido)

Figura 04: Visita ao Parque de Esculturas, Salvador, BA (2016)



Fonte: Foto de Camila Garrido, aluna participante da viagem a Salvador, 2016. (Gentilmente

cedido)

Belém, todavia, foi a cidade em que foi possível aprofundar o arcabouço teórico- prático do trabalho de Rosa, uma vez que é o lugar em que se concretizou a maior parte de seus projetos, principalmente aqueles voltados para construção do espaço público de excelência. As diferentes propostas ocorreram na gestão do governador (1996-2004) do PSDB, Almir Gabriel, graças à iniciativa de Paulo Chaves, secretário de Cultura do Estado, um dos grandes mentores dos projetos, concomitantemente com outras intervenções urbano- arquitetônicas, tais como a restauração do Teatro da Paz, do Estádio de Futebol Mangueirão e do Centro de Convenções da Amazônia Hangar.

De acordo com Mergulhão (2009), outros espaços públicos também estavam sendo pensados ou repensados pelo município, sob a coordenação do arquiteto Edmilson Rodrigues, dentre eles, Praça Waldemar Henrique, a Praça Ver-o-rio, o Complexo do Ver-o-peso, a Praça Princesa Isabel, a Praça Milton Trindade (Pracinha do Horto) e a Orla de Icoarací (2009, p.77).

Figura 05: Mapa com a localização dos projetos de iniciativa estatal, municipal e os de Rosa Klíass



Fonte: Mapa Google maps, localizando alguns projetos realizados no mesmo período de os da Rosa Klíass, com uma cor para os de iniciativa estatal, outra cor para os de iniciativa municipal e outra cor para os de Rosa.

Todas essas intervenções urbanas compõem a rede de corredores verdes e culturais da cidade, na qual o Museu da Paisagem a céu aberto de Rosa colabora na compreensão não só do todo que compõe o Mosaico de Paisagens belenenses, como também a singularidade de suas partes, características bióticas, abióticas e culturais.



XIV ENFEPA SANTA MARIA 2018

ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL

Durante o primeiro semestre de 2017, a equipe Pé na Estrada organizou a viagem à Belém do Pará, desde a logística (processo seletivo de participantes, transporte, hospedagem, reserva de visitas, materiais) até o conteúdo (elaboração da identidade visual do passeio, roteiro e aula teóricas). A viagem contou com trinta e seis estudantes da FAU-UnB, juntamente com duas alunas formadas e ex-integrantes do projeto e quatro professores, Me. Camila Sant'Anna, professora pela UFG, Dra. Ana Paula Gurgel, Dra. Elane Peixoto e Dr. Ricardo Trevisan pela Universidade de Brasília.

Entre os dias 7 a 11 de agosto, precedendo a viagem, foram ministradas aulas expositivas pelos professores participantes da viagem e dois arquitetos convidados, possibilitando uma preparação teórica acerca do destino. As aulas tiveram como mote a cidade, sobre a qual foram abordados pontos históricos, arquitetônicos, urbanísticos e paisagísticos. Em paralelo, foi ministrada também uma aula pelo arquiteto convidado Ademir Rodrigo, sobre a cenografia da minissérie "Dois Irmãos", cujas gravações foram realizadas na região, e uma aula sobre psicogeografia e deriva urbana, tema de um dos Momentos de Produção - Pé na Estrada, pelo arquiteto convidado Orlando Nunes. As aulas foram abertas para toda comunidade acadêmica, possibilitando a participação de outras pessoas interessadas pelo destino ou temas abordados.

O roteiro de 16 a 20 de agosto de 2017 previa cinco dias de visita. A abordagem pedagógica do Estudo da Paisagem de Belém privilegiou a contribuição dos projetos de Kliass, dentre eles, Estação das Docas (1996-2000); Complexo Feliz Lusitânia (1996-2000); Parque da Residência (1998); Mangal das Garças (1999); e Polo Joalheiro (Espaço) São José Liberto, Jardim da Liberdade (2000) na construção da Paisagem da cidade.

Especificamente em relação às visitas, elas foram feitas de forma que no dia 17/08 (quinta-feira), visitou-se a área do Complexo Feliz Lusitânia, englobando as entradas no Forte do Presépio, Catedral Metropolitana de Belém e Museu de Arte Sacra e Espaço Cultural Onze Janelas; no dia 18/08 (sexta-feira), percorreu-se o Espaço São José Liberto, onde fica o Jardim da Liberdade, e o Parque Mangal das Garças (com o desenvolvimento de um Momento Pé na Estrada); e no dia 19/08 (sábado), visitou-se o Parque da Residência, contemplando a entrada no Museu Emílio Goeldi. A Estação da Docas originalmente entrou no roteiro com visita proposta para 17/08, mas foi ponto de encerramento das atividades diárias durante quase toda a viagem, possibilitando experienciar o local a partir de diferentes pontos de vista (morador, turista, estudante de arquitetura, gestor, dentre outros).

No decorrer das visitas, procurou-se aprofundar sobre as etapas de aproximação, inventário dos atributos culturais, naturais e visuais, diagnósticos e proposição de intervenção em um sítio de Kliass e suas estratégias de diálogo com o espírito do local no qual projeta. De acordo com Kliass,

[...] Primeiro você tem um sítio que você tem que dominar este sítio. Dominar no sentido de conhecimento. E atuar nesse sítio de acordo com aquilo que chamamos de espírito do lugar. Existe o espírito do lugar, e se atua tendo em vista isto. Claro que você está colocando novos temas no sítio, mas devemos fazer o casamento das novidades com o espírito do lugar. Do contrário, se cria maquetes (Portal Arquitetura e Urbanismo Para Todos do CAU/BR, 2014).

Assim procurou-se compreender os projetos Paisagísticos de Kliass no seu aspecto objetivo, indagando as características físicas, os tipos e usos desses projetos, como eles se

inserir na malha urbana da cidade de Belém, qual seu diálogo com os demais espaços livres existentes e como recuperam a cultura amazônica. Também procurou-se compreender os seus aspectos subjetivos como é apreensão, compreensão e interação dos alunos e usuários individualmente ou em grupo.

Os alunos foram convidados a analisar a Arquitetura da Paisagem da paisagista, a partir das vistas globais, parciais e seriais do observador tão exploradas por Cullen (1984), em seu livro Paisagem Urbana, usufruindo de croquis e fotografias como estratégias de percepção espacial.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Complexo Feliz Lusitânia (1996-2000)

Durante a visita ao Complexo Feliz Lusitânia, o mote da Paisagem mediou uma análise complexa, que recuperou conteúdos de diferentes disciplinas do Curso de Arquitetura e Urbanismo, tais como a formação das cidades coloniais brasileiras, as características de suas edificações e sua importância patrimonial. Também debateu-se sobre como promover o desenvolvimento de Belém com operações arquitetônicas e urbano-paisagísticas com fins de valorização patrimonial, que estimulariam o diálogo de suas camadas antigas com as novas e repensariam o uso de seus espaços com justiça social, para atender as carências e as prioridades contemporâneas.

Historicamente o conjunto edificado das cidades de colonização portuguesa voltava suas costas para os rios. A valorização do contato do conjunto edificado, de alto valor histórico, com a paisagem das águas foi uma das prerrogativas à intervenção urbano- paisagística do complexo Feliz Lusitânia, realizadas por iniciativa da Secretaria de Cultura do Estado do Pará.

Figura 06: Planta do Complexo Feliz Lusitânia



Fonte: Zein, 2006, p. 111.



Zein, 2006, afirma que entre o percurso estabelecido entre o forte e os terraços da casa das 11 janelas, "percebe-se a possibilidade de se enfatizar o contato mais íntimo com a paisagem das águas, contrapondo-se a vastidão do rio com a intimidade das praças e pátios" (2006, p. 106). Em complementaridade, a vegetação caracteriza-se em quase toda sua totalidade por uma arquitetura vegetal ereta, de folhagem rala e simétrica, permitindo uma visão sem obstáculos para a baía. (MERGULHÃO, 2009).

O projeto para o Complexo Feliz Lusitânia resgata elementos culturais do período colonial português bem como faz referência aos indígenas marajoaras e tapajônicos (MERGULHÃO, 2009). Ele engloba aproximadamente 50 mil m², abrange o Forte do Presépio, que abriga o Museu do Forte; o antigo Hospital Militar, atualmente conhecido por Casa das Onze Janelas, a Igreja de Santo Alexandre e o antigo Palácio Episcopal, que abrigam o Museu de Arte Sacra do Pará.

Construído no mesmo ano de fundação da cidade (1616), o Forte do Presépio foi transformado em museu, servindo de mirante para a baía e para a cidade. Foi realizado um tratamento paisagístico tanto no seu pátio interno, conhecido como Praça das Armas, com inserção de escadas e passarelas metálicas elevadas, como na área externa, onde configurou-se uma nova praça Frei Caetano Brandão que abre-se para a vista do Rio (Zein, 2006). Segundo Mergulhão, 2009, ao utilizar um único tipo de forração em torno do Forte, margeando uma passarela em ondas, forma-se uma imagem análoga à da floresta amazônica vista de cima, entremeada pelo rio. A proposta paisagística sugere, deste modo, uma simbiose entre os elementos natural (a baía de Guajará) e o cultural (paisagismo).

A Casa das 11 Janelas, que antes servia de Hospital Militar (séc XVIII), com intervenção recebida pelo arquiteto Antônio José Landi, agora destina-se a espaço cultural e gastronômico. Foi realizado tratamento no pátio externo entre o edifício e a baía de Guajará, que configura-se em uma área semi-aberta. Terraços em patamares descem integrando-se com o passeio a beira-rio. O desenho baseia-se na linguagem dos elementos remanescentes dos jardins do antigo Hospital Militar.

Os alunos apreenderam o local tanto sob a perspectiva da visão de sobrevoos possibilitada pela a edificação - mirante, quanto sob a perspectiva do passante ao "nível dos olhos". Nestes percursos, foi possível compreender não só o tratamento paisagístico de diferentes espaços livres e privados, como também a sociabilidade urbana que ocorre em suas diferentes partes. Observou-se como os moradores, turistas e passantes utilizavam o local e instigou-se também que os alunos se apropriassem, sentando, sentindo o clima húmido (muito diverso do clima seco cerratense) e tomando uma água de coco de uma barraca local.

Figura 07: Vista do Centro Cultural Onze Janelas



Fonte: Foto de Luísa Rodrigues, aluna participante da viagem, 2017. (Gentilmente cedido)

Figura 08: Vista do Forte do Castelo



Fonte: Foto de Rayan de Sant'Anna, aluno participante da viagem, 2017. (Gentilmente cedido)

3.2 Parque Mangal das Garças (2005)

No decorrer da visita ao Parque Mangal das Graças, instigou-se o debate sobre o desenho da Paisagem e sua capacidade de promover o diálogo entre natureza e cultura, em que a natureza é um reflexo da tentativa de valorizar os elementos do sítio físico e no estímulo da interação humana com estes elementos e a cultura é um reflexo da tentativa de enaltecer as raízes locais. Também abordou-se brevemente sobre a presença de influências de Burle Marx nas obras de Rosa Kliass (segundo ela um de seus principais mentores), principalmente na capacidade de promover a interação entre o mineral e o vegetal e no uso de composições que exploram diferentes cores e texturas dos mais diversos estratos vegetativos de preferência nativos.

Situado às margens do rio Guamá, um pouco a oeste do centro de Belém, está o Mangal das Garças, projeto de Kliass que propicia à população e aos visitantes de Belém o contato com a flora e fauna amazônica em sítio próximo ao centro histórico. A área, antes alagada com extenso aningal, passou por um processo de revitalização pautado pelo equilíbrio entre o natural e o construído, reafirmando a relação cidade-água, com o aproveitamento das condições paisagísticas pré-existentes. Criou-se ali ambientes com a vegetação nativa do Estado do Pará em suas três macrorregiões florísticas: campos, áreas de várzea e matas de terra firme, em que os diferentes ecossistemas, que compõem a paisagem belenense, foram apresentados aos alunos.

Figura 09: Planta do Parque Mangal das Garça



Fonte: Zein, 2006, p. 99.

Durante uma manhã inteira, percorreu-se tanto a parte mais artificializada do parque composta por portaria, estacionamento, praça, Armazém do Tempo, mirante, Memorial Amazônico de Navegação e restaurante quanto a sua parte mais vegetalizada com uma praça e um circuito de águas composto por cascata, espelho d'água sinuoso, lago, rio e também principalmente por um sistema de drenagem.

Nesta manhã, foi possível compreender melhor como incorporar a partir de diferentes recursos a vegetação nativa e os elementos d'água em um projeto paisagístico engajado não só na promoção dos serviços ecossistêmicos, mas também na valorização do patrimônio arquitetônico e urbano-paisagístico do local.

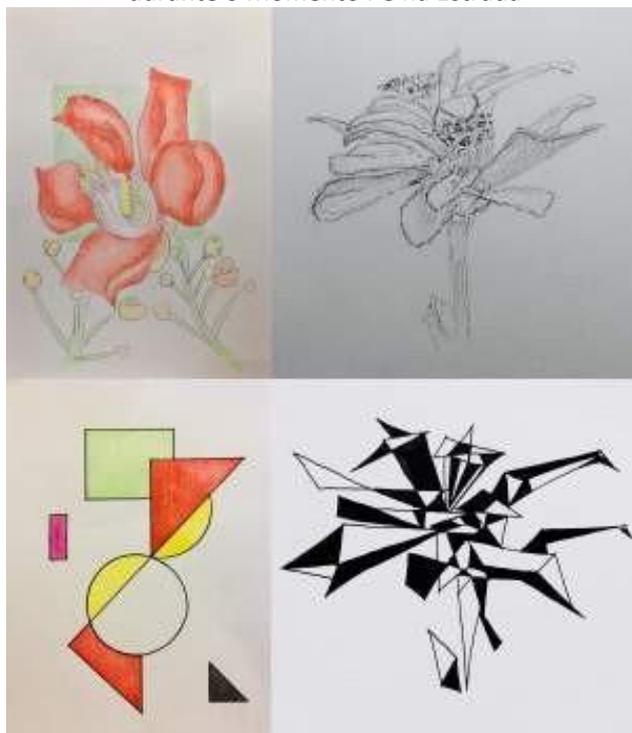
Particularmente, os alunos se surpreenderam com o desenho do Mirante, que propicia um encontro harmonioso entre o elemento construído - passarela - e o elemento natural - vegetação nativa preservada, que enquadra a paisagem do complexo Feliz Lusitânia e do rio Guamá.

Figura 10: Participantes da viagem no Mirante do Rio



Fonte: Foto de Luísa Rodrigues, aluna participante da viagem, 2017. (Gentilmente cedido)

Figura 11: Imagem dos desenhos dos alunos, Victor Rocha e Juliana Albuquerque, durante o Momento Pé na Estrada



Fonte: Fotomontagem de Ana Luísa Pedreira, 2018. (Gentilmente cedido)

Ao longo da visita, os alunos foram instigados à produção de um momento Pé na Estrada, que convidava a desenhar um exemplar da flora ou fauna, para estimular o reconhecimento e conhecimento das bióticas da região e, posteriormente, sua releitura

por meio de abstração geométrica. O material produzido foi utilizado na Exposição do Projeto Pé na Estrada sobre Belém, fazendo parte de um jogo da memória. Os visitantes da exposição eram desafiados a reconhecer o desenho de observação da fauna e flora e sua respectiva abstração em formas geométricas.

No final da visita, o grupo de alunos realizou um breve vídeo, encaminhado por e-mail, à paisagista Rosa Kliass, informando sobre a visita e o que acharam do projeto. Kliass respondeu à noite, por telefone, dizendo que estava lisonjeada e muito contente com a visita.

Figura 12: Imagem do vídeo encaminhado



Fonte: Elaboração das autoras

3.3 Parque da Residência - Belém - PA (1998)

Durante a visita ao Parque da Residência, explorou-se uma outra escala de projeto paisagístico, que envolvia transformar em parque um terreno de 12.000m² localizado em uma área de malha urbana consolidada em um dos principais eixos de acesso ao Centro, repleta de edificações e monumentos de valor patrimonial. Essa visita possibilitou aprofundar os estudos sobre técnicas de infraestrutura da paisagem, com ênfase no detalhamento de desenho de piso e mobiliário.

O Parque da Residência, localizado na região central de Belém, foi um dos primeiros trabalhos desenvolvidos por Kliass para a cidade. Nele, há um antigo palacete em estilo eclético do começo do século XX que servia de residência oficial dos governadores do Pará. Foi revitalizado e teve seu jardim transformado em parque público, transformando-se em complexo turístico e cultural, com a criação de vários ambientes, a começar pelo orquidário, logo na entrada, abrigando espécies existentes na flora amazônica. Em seguida, encontra-se a Praça das Águas, espaço com fonte e chafariz, circundado por bancos. Sentado em um dos bancos, está a estátua de Ruy Barata.

Figura 13: Planta do Parque da Residência



Fonte: Zein, 2006, p. 129

Um antigo gazebo em madeira e vidro, que servia de pavilhão de festas, foi transformado em restaurante. Outros dois pavilhões em estrutura metálica foram levados para o local: o pavilhão Frederico Rhossard, agora transformado em coreto, e o Gasômetro do largo de São José, convertido em auditório e espaço para eventos. Na Praça do Trem, está localizado um velho vagão que pertenceu à extinta Estrada de Ferro Belém-Bragança.

O desenho de piso visa a criar uma unidade que articule esses diferentes elementos arquitetônicos e paisagísticos, trazendo conexão entre os diferentes espaços e remetendo à cultura indígena marajoara por meio dos motivos geométricos em pedra portuguesa, fazendo ainda uma alusão, por meio das cores vermelho e preto, ao urucum e ao jenipapo. (MERGULHÃO, 2009).

Figura 14: Desenho de piso no Parque da Residência



Fonte: Foto de Júlia dos Anjos, aluna participante da viagem, 2017. (Gentilmente cedido)

A visita, guiada pelos professores participantes, gerou momentos de análise, debate e registro da área estudada. Dentro do espaço destinado pelo roteiro foram desenvolvidas registros fotográficos, de levantamentos técnicos e sensitivos por meio de desenhos e questionamentos ao longo da vivência proposta para aquele local.

O grupo permaneceu no Parque da Residência por aproximadamente 40 minutos tendo saído do Parque Zoológico do Museu Paraense Emílio Goeldi (1871) em uma proposta conjunta de visitação e experimentação devido não só à proximidade dos espaços livres, mas também seu objetivo de educação ambiental, com propostas museográficas e de contato com as características bióticas da região.

3.4 Estação das Docas - Belém - PA (1998)

Localizada na orla da Baía do Guajará, a Estação das Docas consiste no projeto de requalificação do porto fluvial de Belém. Os antigos armazéns permaneceram intactos e hoje compõem três bulevares: das Artes, da Gastronomia e de Feiras e Exposições. Cada qual possui um comércio voltado a sua temática com produtos regionais. Além disso, o complexo turístico conta com um teatro e um anfiteatro e mais um terminal hidroviário voltado para o turismo.

Nesta visita debateu-se a Cidade e o porto, argumentando sobre a importância de se considerar o porto não só para a economia urbana, como também como um bem cultural de sua população. Dentro deste contexto, abordou-se sobre a contribuição dos projetos paisagísticos em áreas portuárias para o desenho da paisagem das cidades, com ênfase no diálogo entre a cidade, o rio e a floresta.

A concepção projetual da Estação das Docas transforma um espaço relegado apenas a atividades industriais em espaço público de lazer, que valoriza as ruínas do Forte de São Pedro Nolasco e dos próprios armazéns. A vegetação aparece de forma sutil separando área de estar e de circulação, e também entre os armazéns.

Figura 15: Planta da Estação das Docas



Fonte: Zein, 2006, p. 129.

O projeto resgata a história da cidade ao preservar ícones da arquitetura de ferro

portuária de Belém e reconvertê-los em marcos urbanos no horizonte da paisagem fluvial da cidade. O componente paisagístico de maior destaque são, sem dúvida, os antigos guindastes do porto. Quando combinados à nova cor amarela, se tornaram não só elementos escultóricos que ritmam e marcam a paisagem, mas também um mobiliário amplamente utilizado pelos visitantes.

A Estação das Docas é uma das grandes atrações locais da cidade, principalmente devido à sua localização próxima ao centro da cidade, à vista para o rio Guamá e à variedade de bares e restaurantes. Apesar do espaço ser de fácil acesso ao público, o custo para a utilização de seus serviços acaba por privilegiar o público de alto poder aquisitivo, principalmente os turistas, em detrimento da grande maioria dos seus reais habitantes belenenses. Tal constatação nos possibilitou discutir sobre as paisagens desiguais de Belém e a falta de infraestrutura de suas comunidades ribeirinhas.

O grupo visitou o local em diferentes dias e horários na semana, uma vez que ele se tornou ponto opcional de encerramento do roteiro do dia. Desse modo, foi possível degustar as comidas e bebidas típicas vendidas no local, assim como adquirir exemplares de artesanatos da cidade.

Figura 15: Visita à Estação das Docas



Fonte: Foto de Rayan de Sant'Anna, aluno participante da viagem, 2017. (Gentilmente cedido)

3.5 Jardim da Liberdade - Belém - PA (2000)

O Polo Joalheiro São José Liberto, edifício histórico, que no passado abrigou o Convento de São José, depósito de pólvora, hospital, cadeia pública e presídio, após intervenção estatal passou a abrigar o Museu de Gemas do Pará. Na área central do edifício situa-se o

Jardim da Liberdade, único jardim gemológico do país.

Esse jardim, de traçado contemporâneo, foi concebido para ser um espaço contemplativo temático, que rememora riquezas minerais do Estado. Este diálogo é presente também na escolha das espécies vegetais utilizadas, que apresentam estrutura foliar rígida que dialogam com a rigidez dos minerais presentes (MERGULHÃO, 2009).

Na visita ao Jardim da Liberdade, atentou-se para uma nova escala de projeto paisagístico, em que uma edificação de valor patrimonial foi convertida em museu, acolheu um desenho da paisagem em micro-escala em um de seus pátios. Desse modo, debateu-se sobre a metodologia de definição de um projeto, desde o seu conceito e o consequente partido projetual até o seu desenvolvimento.

Figura 16: Vista do Jardim da Liberdade



Fonte: foto de Nayane Machado, 2017. (Gentilmente cedido)

A análise da arquitetura da Paisagem do Jardim, apreendida pelos alunos, ao nível do olhos, durante a visita, e da parte superior da edificação, de sobrevoos, possibilitou compreender a composição dos elementos naturais e artificiais em planta, e também, as diferentes imagens criadas por meio do diálogo na vertical e na horizontal entre seus diferentes elementos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um pé a céu aberto no Museu de Paisagem, de Rosa Kliass, em Belém, possibilitou aos participantes conhecer melhor o grande potencial dos corredores culturais e verdes que compõem os espaços abertos, públicos e privados, com diferentes usos e tipologias. Esses corredores contribuem para a construção de espaços públicos, engajados em suas raízes amazonenses, abordando e ressignificando sua história a partir de suas características bióticas, abióticas e culturais.



Em Belém, uma das principais características das arquiteturas das paisagens propostas por Rosa, abordadas pela visita didática, foi o enriquecimento da relação entre cidade e água que valoriza seus elementos naturais, baía de Guajará e rio Guamá, e que sugere elementos artificializados, como fontes, espelhos d'água, lagos, dentre outros, que rememoram a presença dos corpos d'água na sua paisagem. Principalmente nos projetos Estação das Docas, Feliz Lusitânia e Mangal das Garças, nos quais esses elementos assumem uma importância fundamental (MERGULHÃO, 2009).

Outra relação, que também foi discutida, foi a da cidade e da floresta, que compõem o bioma amazônico. Os estudantes puderam compreender a contribuição desses projetos para a valorização do patrimônio vegetal da região, principalmente de seus distintos ecossistemas. Foi possível compreender, também, não só esses projetos pontualmente, mas sua relação com o entorno e, de modo geral, com a cidade, integrando uma rede de estruturas verdes de Belém.

Assim, percorrer os projetos de Kliass na cidade permitiu aos alunos e professores conhecer melhor o mosaico de paisagens belenenses e suas camadas de história, não só por meio do olhar aguçado do observador para com suas arrojadas formas e cores, mas também através de seus odores, de suas texturas, de seus sons.

Os estudantes entenderam a importância de desenvolver projetos paisagísticos, que convidem seus moradores e visitantes a valorizar os patrimônios culturais e ambientais existentes em seu território, em um percurso educativo e turístico que promova o diálogo entre natureza e cultura.

A oportunidade de abordar o conteúdo introduzido em sala de aula em loco, proposta pela viagem à Belém pelo Projeto Pé na Estrada, demonstrou o grande potencial de enriquecimento de práticas de ensino em âmbito universitário do projeto. Ele se coloca como metodologia de ensino não só capaz de fomentar a aquisição de conhecimento pelo aluno, mas também de articular conteúdos interdisciplinares em uma aproximação multisensorial que intensifica o diálogo entre professores e alunos.

O projeto também possui a capacidade de envolver o aluno, uma vez que é um projeto desenvolvido por alunos para alunos, na transformação da paisagem universitária e de modo geral da cidade. O aluno, quando membro da equipe do projeto, assume uma postura proativa na definição e estruturação das viagens, mas também na seleção do material a servir como embasamento da mesma e a ser divulgado. E, também, o estudante-participante é estimulado a compreender e representar de forma mais aprofundada sobre a cidade, principal objeto de estudo do curso de Arquitetura e Urbanismo.

Dentro desta perspectiva é indubitável a relevância de se estimular visitas didáticas em locais que são objetos de estudos nas diferentes disciplinas do curso de Arquitetura e Urbanismo. Principalmente quando essas visitas partem de projetos, como o Pé na Estrada, de iniciativa estudantil.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer aos membros e ex-membros da Equipe Pé na Estrada, aos estudantes participantes do Pé em Belém, à professora coordenadora do projeto Ana



XIV ENFEPA SANTA MARIA 2018

ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL

Paula Gurgel, aos professores colaboradores da viagem, ao diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, José Manoel Morales Sánchez e ao coordenador de extensão Caio Frederico e Silva, pelo apoio incondicional. Cabe também agradecer imensamente, aos servidores e técnicos administrativos, em especial, Soemes Barbosa de Sousa, Marcos Gabriel de M. Xavier, Josué Sene Capuchinho, Rodrigo Lobato Svensson e Thiago Teixeira dos Santos e os profissionais e moradores das cidades visitadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSALO, C. C. **Art Nouveau em Belém. Brasília, DF:** Iphan/Programa Monumenta, 2008. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/files/PDFs/Art_Nouveau_em_Belem.pdf>. Acesso em 03 jun. 2018.

CULLEN, G. **Paisagem urbana.** Lisboa: Edições 70, 1984.

IBGE. **Censo Demográfico 2016** – Características Gerais da População. Resultados da

IBGE. **Amostra.** 2016.

IPHAN. **Plano Piloto 50 anos:** cartilha de preservação - Brasília. Brasília, DF : IPHAN / 15ª Superintendência Regional, 2007. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/plano_piloto_50_anos\(2\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/plano_piloto_50_anos(2).pdf)>. Acesso em 03 jun. 2018.

MACEDO, S. S. **Quadro do Paisagismo no Brasil.** São Paulo, 1999, 144 p.

MERGULHÃO, P.; SÁ, A. R. **A paisagem Amazônica no paisagismo de Belém:** caso Parque Naturalístico Mangal das Garças. 2009. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

Portal Arquitetura e Urbanismo Para Todos do CAU/BR. **Paulo Markun entrevistou a arquiteta paisagista Rosa Kliass.** 2014. (14m37s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i4Yp7qkvHAA>>. Acesso em 10 jun. 2018.

ZEIN, R. V.; Rosa Kliass. **Desenhando Paisagens:** Moldando uma Profissão. São seus títulos correspondentes.